

Alguns aspectos do tempo nos tratados da Coleção hipocrática

Silvio Marino

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-8372-7584>
silviolisbona@yahoo.it

Recebido: 12 de agosto de 2021
Aprovado: 30 de setembro de 2021
DOI: 10.47661/aicl.v15i29.45746



ARTIGO

MARINO, Silvio. Alguns aspectos do tempo nos tratados da *Coleção hipocrática*. Anais de Filosofia Clássica 29, 2021. p.50-70

ABSTRACT: Medicine is a science of time, but the time of medicine is declined in many ways. This paper aims at showing some implications of time in relation to medical science, and especially, on the one hand, to the time of humanity and of the *tekhnē*, and on the other to the time of prognostic and of intervention. First, this paper will deal with the time in which the *tekhnē iatrikē* appears, at the same time inaugurating the time of humanity; secondly, it will deal with the time as knowledge of the physician that succeeds in dominating diseases by dominating the time.

KEY-WORDS: Hippocratic collection, time, *Kairos*, ancient medicine

RESUMO: A medicina é uma ciência do tempo, mas esse tempo da medicina é declinado de várias formas. O objetivo desta contribuição é mostrar algumas implicações do tempo em relação à ciência médica, em particular ao tempo da humanidade e da *tekhnē* bem como ao tempo do prognóstico e da intervenção. Por um lado, tratar-se-á do tempo em que a *tekhnē iatrikē* aparece fundando a humanidade; por outro lado, tratar-se-á do tempo como âmbito de conhecimento próprio do médico, que dominando-o consegue dominar as doenças que deve curar.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção hipocrática, Tempo, *Kairos*, Medicina antiga

Por sua própria constituição, a medicina é uma ciência do tempo. É ele que determina a sucessão dos vários procedimentos que o médico tem que fazer para reestabelecer a saúde no homem. Todavia, o tempo se diz de muitas formas e se refere a vários objetos. Nos tratados da *Coleção hipocrática* há o tempo da humanidade, o tempo da τέχνη, o tempo de um povo, o tempo do indivíduo, o tempo da doença, o tempo do ano e o tempo da intervenção, ο καιρός, o momento oportuno para intervir e tentar mudar o curso de uma doença. Como se pode notar, tratar do tempo nestes escritos significa tratar de quase todos os âmbitos relativos a essa ciência. Ademais, esses vários tempos estão entrelaçados uns aos outros, de maneira que seria impossível distingui-los com precisão e tratá-los de maneira independente.

O nosso objetivo, um pouco menos ambicioso, é mostrar algumas implicações do tempo em relação à ciência médica, e em particular ao tempo da humanidade e da τέχνη e ao tempo do prognóstico e da intervenção. Por um lado, tratar-se-á do tempo em que a τέχνη ιατρική aparece inaugurando, ao mesmo tempo, a humanidade; do outro lado, tratar-se-á do tempo como âmbito de conhecimento próprio do médico, que dominando-o consegue dominar as doenças que deve curar.

A questão do tempo é a questão da ciência. Poder-se-ia começar por esse assunto tão simples quanto passível de ser considerado trivial, se não se tomasse em conta a constatação – essa também muito simples – de que a eficácia de cada ciência se prova sobre a pedra de toque do tempo, passado, presente ou futuro que seja. A ciência nos diz o que – provavelmente – irá acontecer em um determinado domínio da realidade, e sob este ângulo a ciência grega não apresenta muitas diferenças com a de nossos dias, porque se põe o problema da previsão.

De uma outra forma, poder-se-ia dizer também que, por este ângulo, então nem a mântica apresenta diferenças significativas com a ciência, porque também a arte dos adivinhos é uma arte da previsão, embora com características próprias e peculiares. Todavia, uma das várias diferenças entre mântica e medicina é o tempo, porque, na consciência dos autores médicos, a medicina possui uma história, não é um saber alcançável por contato com forças superiores, mas um saber que se deu no tempo.¹

O objetivo desta contribuição é, portanto, propor um caminho através dos sentidos do tempo que os tratados da *Coleção hipocrática* oferecem, para destacar a importância do tempo na medicina “científica” que a tradição atribui ao mestre de Cós.

O tempo parece ser constitutivo da τέχνη ἰατρική no duplo sentido de χρόνος e de καιρός. O χρόνος – especialmente no tratado *Antiga medicina* – é constitutivo no sentido da formação da τέχνη ἰατρική, porque foi através de muito tempo que as doutrinas nela contidas se consolidaram e se puderam apresentar como um *corpus* de noções coerentes que permitiram encontrar a maneira melhor de sarar os doentes.

O καιρός, por sua parte, parece ser constitutivo da τέχνη ἰατρική no sentido em que é o καιρός a peculiaridade que determina o que é medicina, como se pode notar pelo célebre primeiro aforismo e pelo tratado *Lugares no homem*. Nesta perspectiva, a medicina é, propriamente, ciência do καιρός, no duplo sentido de “momento oportuno” e de “proporção certa”. Todavia, não se deve esquecer o papel que o prognóstico desempenha em muitos tratados, porque é o prognóstico que define a ciência médica, sobretudo no homônimo tratado.

¹ É importante destacar o fato de que, mesmo com a separação e a distinção que os autores da *Coleção hipocrática* fazem, a medicina “hipocrática” atua ao lado da medicina religiosa, como os templos de Asclépio testemunham. Em relação a esta questão, vide Jouanna 1997, Perilli 2005, 2006 e 2009.

O percurso através dos sentidos que o tempo adquire, portanto, pode ter o próprio início pelo tempo da medicina, pelo tempo em que a medicina surgiu, isso é por um tratado que já no título leva um marco do tempo, ou seja, *Antiga medicina*. Este tratado, um dos mais famosos, além de várias questões intratécnicas – ou seja, que pertencem à prática da medicina –, representa uma das maiores tentativas de fundação e justificação da existência da τέχνη ἰατρική.² O autor remonta à origem da medicina, que é o regime para os homens doentes, e essa origem é encontrada na descoberta do regime adequado aos homens que gozam de boa saúde. Essa última é propriamente a antiga medicina, o que poderíamos chamar, hoje em dia, culinária.

Na descrição deste caminho encontramos o tempo, mais precisamente o tempo da história; não somente da medicina mas também, e sobretudo, da humanidade. Duas vezes se repete a locução ἐν πολλῷ χρόνῳ, para mostrar que os dois tipos de medicina levaram muito tempo para ser descobertos e praticados.

Na primeira ocorrência, o tempo se refere à medicina, aquela que o autor defende das ingerências da φιλοσοφία, dos que querem colocar postulados para a medicina seguindo o método da ἱστορία περὶ φύσεως. Nessa perspectiva, o autor, no começo do segundo capítulo deste tratado, afirma:

Há muito tempo, ao invés, todos os meios estão disponíveis para a medicina, e tanto o ponto de partida quanto a via foram descobertos, pelos quais as descobertas, muitas e corretas, foram feitas durante muito tempo, e as restantes serão feitas se alguém, sendo capaz e sabendo as

²*Antiga medicina* é um dos tratados mais estudados e analisados da *Coleção hipocrática*. Há duas edições importantes, a de Jouanna 2003 (1990), que estabelece também o texto crítico, e a de Schiefky 2005. Para o começo da medicina, vide Jouanna 2003, 34–63, Jouanna 1992. Mais em geral, vide Jouanna 1994, 236–246.

coisas que foram descobertas, pesquisar partindo destas (JOUANNA, 2003, p. 119, tradução livre).³

A medicina possui portanto um tempo, é colocada dentro da história, e se pode achar um ponto de partida assim como o caminho que leva ao futuro desta τέχνη, que é propriamente o progresso.⁴ É importante destacar o fato de que, no momento em que o autor escreve o tratado, ele se coloca e coloca a medicina em uma dimensão temporal que abrange o passado e o futuro: para o passado, utiliza o perfeito εὔρηται; para o futuro, o futuro passivo εὔρεθήσεται.

Poderíamos chamar esse capítulo e o seguinte, o terceiro, “arqueologia”, como se fala da “arqueologia” na obra de Tucídides. E nessa arqueologia, para mostrar a existência da τέχνη ἰατρική, o autor remonta ao começo de tudo, ou seja à antiga medicina, a quando ela foi descoberta para o bem-estar dos homens sãos.

O discurso, no capítulo terceiro, trata do regime, da dieta para os doentes, e afirma que ela foi descoberta porque a alimentação adequada para os sãos não era adequada para os doentes, e por isso foi a própria necessidade a levar os homens a elaborar uma dieta que se harmonizasse com a condição de doente. Seguindo o mesmo raciocínio, o autor remonta mais atrás no passado, naquele ponto da história em que se descobriu o regime para os sãos:

Mais anteriormente eu acho que não teriam sido descobertos o regime e a alimentação dos sãos, que agora usam, se era suficiente para o homem o que comem e bebem o boi e o cavalo e todos os animais salvo o homem, como as coisas que crescem da terra: frutos, mato e

³ VM II 1, ed. Jouanna p. 119, 12-16: Ἱατρικὴ δὲ πάντα πάλαι ὑπάρχει, καὶ ἀρχὴ καὶ ὁδὸς εὐρημένη, καθ' ἣν καὶ τὰ εὐρημένα πολλά τε καὶ καλῶς ἔχοντα εὔρηται ἐν πολλῷ χρόνῳ, καὶ τὰ λοιπὰ εὔρεθήσεται, ἣν τις ἰκανὸς τε ἐὼν καὶ τὰ εὐρημένα εἰδῶς, ἐκ τουτέων ὀρμώμενος ζητήη.

⁴ Sobre a noção de “progresso”, clássicos são os estudos de Edelstein (1967) e de Dodds (1973). Dodds 1973 discute de *Antiga medicina* da página 11, enquanto a análise de Edelstein 1967 apresenta uma discussão mais ampla em que *Antiga medicina* se encontra relacionada ao contexto científico, filosófico e literário em que este tratado foi composto.

pasto. Porquanto, graças a essas coisas, nutrem-se e crescem e levam uma vida sem sofrimentos, não precisando de um outro regime. E na verdade, eu acho que na origem também o homem usou uma tal alimentação. Parece-me que os regimes, descobertos agora e elaborados com arte, surgiram durante um longo período de tempo (JOUANNA, 2003, p.121, tradução livre).⁵

O tempo da *tekhne* aqui se sobrepõe ao tempo da humanidade; ou seja, o começo da *tekhne* é ao mesmo tempo o começo da humanidade porque a *tekhne* responde a uma exigência da humanidade, a de uma dieta que se harmonize com a natureza humana. Cozinha, técnicas de preparo de alimentos e humanidade são uma única coisa, e isso nos conduz para o caminho que vê na antropomorfização da natureza o surgimento do humano. Não podemos não pensar nos Ciclopes, que não aram os campos, e não podemos não pensar no epíteto homérico “comedores de pão”, *sitophágoi*, que – como bem apontou Mario Vegetti – distingue o humano do que propriamente não é humano: de fato a *tekhne* separa esses dois domínios (VEGETTI, 1987).⁶

Todavia, aqui em *Antiga medicina*, temos algo a mais, ou seja uma diferença de naturezas entre os animais e os homens, e mesmo por causa dessa diferença, os antigos deste autor procuraram uma dieta que não fosse aquela forte e ferina dos animais! Como afirma Jackie Pigeaud (2008a), a história da humanidade começa com uma cólica, que ele chama “cólica fundadora”; mas é graças à culinária que começa o tempo dos homens.

⁵ Ἐπι δε ἄνωθεν ἔγωγε ἄξιόν οὐδ' ἂν τὴν τῶν ὑγιαίνοντων διαίταν τε καὶ τροφήν, ἣ νῦν χρέωνται, εὐρεθῆναι, εἰ ἐξήρκειτό ἄνθρωπῳ ταῦτα ἐσθίωντι καὶ πίνοντι βοῖ τε καὶ ἵππῳ καὶ πᾶσιν ἐκτὸς ἀνθρώπου, οἷον τὰ ἐκ τῆς γῆς φυόμενα, καρπούς τε καὶ ὕλην καὶ χόρτον· ἀπὸ τουτέων γὰρ καὶ αὖξονται καὶ ἄπονοι διάγουσιν, οὐδὲν προσδεόμενοι ἄλλης διαίτης. Καὶ τοι τὴν ἀρχὴν ἔγωγε ἄξιόν καὶ τὸν ἄνθρωπον τοιαύτη τροφή κεχρηῆσθαι. τὰ δὲ νῦν διαιτήματα εὐρημένα καὶ τετεχνημένα ἐν πολλῷ χρόνῳ γεγενῆσθαι μοι δοκεῖ.

⁶No cap. III “La classificazione degli uomini”, o estudioso discute sobre as várias classificações de homem e destaca o fato de que a posse de uma τέχνη é uma característica que eleva a um nível superior os que a possuem.

Este posicionamento do autor hipocrático, como noto, é compartilhado por vários autores que procuraram determinar o começo do tempo humano, ou seja o tempo em que o homem consegue dominar a natureza. Os exemplos são vários: o *Prometeu acorrentado* (478 ss.) de Ésquilo, o primeiro estásimo da *Antígona* de Sófocles, as *Suplicantes* de Eurípides, o testemunho de Arquelau,⁷ o mito de Protágoras no diálogo homônimo de Platão. Todavia, é importante destacar o fator que separa os dois tempos, o tempo em que os homens viviam como os animais, e o tempo da civilização: em *Antiga medicina* ocorre o adjetivo θηριώδης que indica o tempo da selvageria do homem, o que caracteriza também a fala de Teseu nas *Suplicantes* (v. 202).⁸

No pensamento do autor de *Antiga medicina*, a história não termina com as descobertas feitas, mas continua e prevê outras descobertas (εὐρήματα) que serão feitas no tempo, posição da qual discorda o autor de *Lugares no homem*, segundo o qual a medicina já está inteiramente descoberta.⁹

Em *Antiga medicina* afirma-se claramente que a natureza dos homens é modificada pelos alimentos: os homens são do presente sofreriam mais do que os do passado ao comerem alimentos fortes, e isso se dá pelo fato de que no passado os homens estavam mais acostumados a comer alimentos fortes; enquanto que no presente, depois de muito tempo, os homens se acostumaram à comida elaborada e mais fraca: a τέχνη modifica os alimentos assim como as naturezas dos homens em uma ação que dura muito tempo.

Temos também um outro testemunho de uma posição parecida a esta, pela qual as práticas humanas modificam as naturezas humanas, e é

⁷ Cfr. DK60A4 = Hipp. Ref. I 9, 5.

⁸ Jouanna (2003c, p. 34-49) analisa os textos que citamos e reconstrói o contexto das teorias acerca do surgimento do homem e da civilização.

⁹ Cfr. *De loc. in hom.* XLVI 1.

o tratado *Ares, águas, lugares*. Esta obra pode ser considerada como a primeira antropologia que temos. De fato, a partir do capítulo XII, o autor hipocrático descreve a diferença entre os Europeus e os Asiáticos – gregos, citas e persas, basicamente – e no capítulo XIV trata dos Macrocéfalos, um povo da Ásia que considerava a cabeça longa um marco de nobreza. Por isso, esse povo acostumava enfaixar a cabeça das crianças com vendas e com outros instrumentos para que se tornasse longa. Isso era o que ocorria na origem:

Assim, na origem, trabalhou o hábito, que por ação da força surgiu uma natureza de tal tipo. 4 Todavia, com o passar do tempo, isso entrou na natureza, de maneira que o hábito não exerce mais uma constrição (JOUANNA, 2003b, p.224, tradução livre).¹⁰

O que permite que a forma da cabeça dos Macrocéfalos continue longa é a repetição no tempo das operações dos homens, uma repetição que se deu ao longo do tempo. Com o passar do tempo essa forma passou na natureza deste povo, a qual começou, por si mesma e sem a constrição, reproduzi-la. Nos termos do século V antes de Cristo, trata-se do νόμος que se impõe sobre e passa na φύσις. Todavia, o autor enfrenta um outro problema, o dos Macrocéfalos não terem mais a cabeça longa:

Todavia, agora não são mais como antes; porquanto o hábito não mais tem força por causa das relações com os [outros] homens (JOUANNA, 2003b, p. 225, tradução livre).¹¹

O foco do autor é na plasticidade do ser vivo, como Jackie Pigeaud chamou à perspectiva que encontra em vários textos

¹⁰ *Aér.* XIV 3–4, ed. Jouanna p. 224, 14–17: Οὕτω τὴν ἀρχὴν ὄνομος κατειργάσατο, ὥστευπόβιθς τοι αὐτὴν τὴν φύσιν γενέσθαι. 4 Τοῦ δὲ χρόνου προϊόντος ἐν φύσει ἐγένετο, ὥστε τὸν νόμον μὴ κέτι ἀναγκάζειν.

¹¹ Νῦν δ' ὅμοι ὡς οὐκέτι γίνονται ἢ πρότερον· ὁ γὰρ νόμος οὐκ ἐτι ἰσχύει διὰ τὴν ὁμίλην τῶν ἀνθρώπων.

hipocráticos.¹² Essa plasticidade remete ao fato de que os homens possuem diferentes e várias naturezas, tanto os povos quanto os indivíduos, e é por essa história que vários autores hipocráticos se interessam, porque também a doença é uma história, assim como as fichas dos doentes das *Epidemias* são os relatos das histórias dos doentes (PIGEAUD, 1996, p. 792).

O tempo é o *discrimen* tanto do ponto de vista filogenético quanto do ontogenético, porque é no curso do tempo que povo e indivíduo podem sofrer aquelas modificações que constituirão depois as respectivas naturezas. Povo e indivíduo, em outras palavras, compartilham as mesmas maneiras de funcionamento, e há tempos diferentes conforme as solicitações que vêm do exterior e conforme os momentos em que os corpos se encontram. Também o corpo possui uma história, e por isso, em geral, dois tempos bem diferenciados: o tempo da saúde e o tempo da doença.

Há um tratado, entre os mais estudados também, que faz do tempo o objeto próprio da medicina: o *Prognóstico*. No começo deste tratado, o autor explica quais são o dever e o papel que o médico tem a cumprir:

1 Parece-me que o melhor para o médico é praticar a previsão;¹³ porquanto conhecendo de antemão e predizendo para os doentes o presente, o passado e o futuro e detalhando tudo quanto os debilitados omitem, acreditar-se-ia que ele conhece mais os assuntos dos doentes, de modo a terem os homens coragem de entregar-se a si mesmos ao médico. 2. E faria o tratamento o melhor possível, sabendo de antemão

¹² Para a questão dos Macrocefálos, vide Pigeaud 2008b, que discute o assunto incluindo-o em um tratamento mais amplo.

¹³ O termo πρόνοια com o sentido de “previsão” é extremamente raro na *Coleção hipocrática*. Como destaca Jouanna 2013 *ad loc.*, esse termo com o sentido de “previsão” só se encontra aqui, no primeiro capítulo do *Prognóstico*, duas vezes, para ocorrer depois só na *Epistula* XXIII. Esta escolha é certamente particular, porque nesse sentido πρόνοια substitui o termo técnico πρόγνωσις. Para a questão da previsão, vide Fausti 2005; mais especificamente para o *Prognóstico*, vide Marzullo 2000.

o futuro a partir das afecções presentes. É impossível tornar saudáveis todos os doentes; de fato, isso seria melhor do que conhecer de antemão as coisas que acontecerão. Todavia, visto que os homens morrem, uns antes de chamar o médico, pela força da doença, e outros logo após chamarem o médico – uns vivendo um único dia, outros um pouco mais de tempo –, antes de o médico combater com a arte cada doença, deve-se então conhecer as naturezas de tais afecções, em que medida excedem a força dos corpos, e ao mesmo tempo também se há algo divino nas doenças, e aprender bem a previsão disto. 3 Porquanto assim alguém seria justamente admirado e seria um bom médico; de fato, poderia ainda mais preservar aqueles capazes de prevalecer, julgando de antemão cada doença com mais tempo, e, conhecendo de antemão e predizendo tanto os que morrerão quanto os que se salvarão, seria inimputável (JOUANNA, 2013, p. 1, tradução livre).¹⁴

O primeiro capítulo desse tratado é quase uma aliteração, com o uso de verbos com pré-*vérbio* em *προ-*: *προγιγνώσκω*, *προλέγω*, *προειδώς*, *προαγορεύω*. Tudo se joga na antecipação do que irá acontecer ao doente para proporcionar a terapia certa. E que esse princípio seja de capital importância é testemunhado por um outro *locus* da *Coleção hipocrática*, um *locus* de fortíssima densidade teórica, o do capítulo 5 Littré (XI Jouanna) das *Epidemias I-III*: “Dizer o passado,

¹⁴ *Progn.* I, ed. Jouanna 2013, p. 1, 1-3, 11: Τὸν ἰητρὸν δοκέει μοι ἄριστον εἶναι πρόνοιαν ἐπιτηδεύειν· προγιγνώσκων γὰρ καὶ προλέγων παρὰ τοῖσι νοσέουσι τὰ τε παρεόντα καὶ τὰ προγεγονότα καὶ τὰ μέλλοντα ἔσεσθαι ὅκόσα τε παραλείπουσιν οἱ ἰσθενέοντες ἐκδιηγούμενος, πιστεύοιτ' ἂν μᾶλλον γινώσκων τὰ τῶν νοσούντων πρήγματα, ὥστε τολμᾶν ἐπιτρέπειν τοὺς ἀνθρώπους σφέας ἑωυτοῦ τῷ ἰητρῷ. Τὴν δὲ θεραπείην ἄριστα ἂν ποιέοιτο, προειδώς τὰ ἐσόμενα ἐκ τῶν παρεόντων παθημάτων. Ὑγιείας μὲν γὰρ ποιέειν ἅπαντας τοὺς ἀσθενέοντας ἀδύνατον· τοῦτο γὰρ τοῦ προγιγνώσκων τὰ μέλλοντα ἀποβήσεσθαι κρέσσον ἂν ἦν· ἐπειδὴ δὲ οἱ ἀνθρώποι ἀποθνήσκουσιν, οἱ μὲν πρὶν ἢ καλέσαι τὸν ἰητρὸν, ὑπὸ τῆς ἰσχύος τῆς νούσου, οἱ δὲ καὶ ἐσκαλεσάμενοι παραχρήμα ἐτελεύτησαν, οἱ μὲν ἡμέρην μὴν ζήσαντες, οἱ δὲ ὀλίγῳ πλεονα χρόνον, πρὶν ἢ τὸν ἰητρὸν τῇ τέχνῃ πρὸς ἕκαστον νούσημα ἀνταγωνίσασθαι· γινῶναι οὖν χρὴ τῶν παθῶν τῶν τοιουτέων τὰς φύσεις, ὅκόσον ὑπὲρ τὴν δυνάμιν εἰσι τῶν σωμάτων, ἅμα δὲ καὶ εἴ τι θεῖον ἔνεστιν ἐν τῆσι νούσοισι, καὶ τουτέου τὴν πρόνοιαν ἐκμανθάνειν. Οὕτω γὰρ ἂν θαυμάζοιτό τε δικαίως, καὶ ἰητρός ἀγαθὸς ἂν εἴη· καὶ γὰρ οὐς οἷον τε περιγίγνεσθαι, τοῦτους ἐπι μᾶλλον δύναιτ' ἂν ὀρθῶς διαφυλάσσειν, ἐκ πλείονος χρόνου προβουλευόμενος πρὸς ἕκαστα, καὶ τοὺς ἀποθανομένους τε καὶ σωθησομένους προγιγνώσκων καὶ προαγορεύων ἀνάτιος ἂν εἴη.

conhecer o presente, predizer o futuro: treinar nisso” (JOUANNA, 2016, p. 17, tradução livre).¹⁵

De fato, esta prescrição feita ao leitor médico é a mesma do *Prognóstico*, mas difere pelos verbos, porque “se fala” o passado, “se conhece” o presente e “se prediz” o futuro. E que esta recomendação esteja em uma posição importante é testemunhado pelo que se segue, ou seja, pela famosa recomendação “ajudar ou não danificar” e pelo famoso triângulo hipocrático. Todavia, antes de analisar o sentido deste trecho, é importante destacar o uso da fórmula τὰ τε παρεόντα καὶ τὰ προγεγονότα καὶ τὰ μέλλοντα ἔσεσθαι, porque remete diretamente à fórmula homérica que encontramos na *Iliada*: “o qual [*scil.* Calcas] sabe o que é, o que será e o que foi”.¹⁶

É interessante destacar que o autor hipocrático do *Prognóstico* utiliza os verbos προγιγνώσκω e προλέγω mesmo se o objeto direto é também o passado e o presente, o que seria objeto mais propriamente de γιγνώσκω e de λέγω. Disso podemos reparar que o autor está tentando juntar às próprias exigências – a ênfase dada à previsão – uma tradição sapiencial que é conservada em um dos textos mais importantes da literatura grega e que é fundador da tradição poética assim como da cultura grega, a *Iliada*. Como Calcas, o médico ótimo é um “senhor do tempo”, capaz de olhar desde o passado até o futuro. Claramente o médico não é um adivinho como Calcas, pois sua esfera de competência é a saúde dos corpos; mas é importante entender que a jogada do autor não é neutra em relação à *Iliada*, e isso por uma razão muito importante. O adivinho não é propriamente um “senhor do tempo”, mas é aquele que sabe tudo: o adivinho sabe tudo e o poeta nos informa disso por essa fórmula. Na assimilação que o autor hipocrático atua, emerge a figura do médico como o único detentor do saber acerca dos corpos. Não podia passar despercebido o uso de uma fórmula quase igual, e por esse

¹⁵ Λέγειν τὰ προγεγόμενα, γινώσκειν τὰ παρεόντα, προλέγειν τὰ ἐσόμενα· μελετᾷν ταῦτα [ἀσκεῖν].

¹⁶ *Il.* 1 70: “ὄς ᾗδη τὰ τ' ἐόντα τὰ τ' ἐσόμενα πρό τ' ἐόντα”.

meio o autor dá uma forma canônica que é bem reconhecível e que torna aceitável o conteúdo.

Essa fórmula homérica é retomada, com algumas diferenças, duas vezes também por Hesíodo na *Teogonia*, nos versos 32 e 38: “[...] para que eu desse glória ao que será e ao que foi”;¹⁷ “[...] dizendo [*scil.* as Musas] o que é, o que será e o que foi”.¹⁸

É interessante notar que na *Teogonia* as Musas inspiram a voz divina, no verso 31, no poeta para que ele possa dar glória ao futuro e ao passado, e que elas cumprem o mesmo papel do poeta na casa de Zeus dizendo o presente, o futuro e o passado. Assim, o médico hipocrático se encontra no cruzamento de duas figuras fundamentais na cultura arcaica: a figura do adivinho e a figura do poeta. Ambas figuras recebem o saber dos deuses; e o ramo que o poeta recebe é de louro,¹⁹ planta sagrada de Apolo, o que tornaria o adivinho e o poeta muito próximos porquanto as funções que exercem estão sob a égide do mesmo deus. O ramo de louro indica não tanto a profecia, mas sim a autoridade que ele tem em relação aos outros poetas. Agora, o médico do *Prognóstico* possui características que são do adivinho e do poeta Hesíodo, porque o médico possui um conhecimento que abrange o passado, o presente e o futuro, e os conhece para dar-lhes glória.

Há uma outra razão pela qual a proximidade entre médico e adivinho se torna muito interessante, e é a situação em que Calcas e o médico estão colocados. Calcas deve enfrentar a *voûσος κακή* assim como o médico, mas, ainda mais interessante, é o fato de que a divindade tutelar da mântica, assim como da medicina, ser o próprio Apolo. Testemunho disso é o começo do *Juramento*, em que se jura por Apolo médico. E ainda mais importantes são as relações históricas que a

¹⁷*Theog.* 32: “[...], ἵνα κλείοιμι τὰ τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα”.

¹⁸*Theog.* 38: “εἰρεῦσαι τὰ τ' ἐόντα τὰ τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα”.

¹⁹Cfr. *Theog.* 30.

família dos Asclepiadas de Cós tem com o templo de Delfos, como testemunha o *Discurso da embaixada*.²⁰

Todavia, é claro que o saber “eterno” do μόνις se fundamenta nos signos divinos, enquanto o do médico se fundamenta nos signos que ele repara no corpo do doente; não por outra razão o *Prognóstico* é um tratado semiótico.²¹

O conhecimento que o médico possui do tempo e dos acontecimentos passados, presentes e futuros desempenha um duplo papel. Primeiramente, dizer o que o doente sofreu, o que está sofrendo e o que lhe ocorrerá serve para ganhar a confiança do doente pelo reconhecimento de um saber verdadeiro, um papel retórico, portanto. O segundo papel é propriamente técnico, porque pela previsão o médico consegue elaborar uma terapia capaz de prevenir e curar as doenças, sem que o mal consiga aumentar a um ponto tal que seria impossível eliminá-lo.

Como acima destacado, o *Prognóstico* é um tratado semiótico, que dá indicações para que o médico possa entender o mais rapidamente possível qual é a doença que afeta o homem e qual será o desenvolvimento dela, por isso o tempo é uma questão da máxima importância. E é questão importante não somente que o médico entenda o quão antes possível a situação do doente, mas também que o doente não demore para chamá-lo, porque, entre a doença e o médico, ministro da arte, há uma verdadeira corrida, cuja vitória alcança quem chegar primeiro.

A fórmula homérica antes destacada não é, todavia, só um expediente retórico para substituir, no âmbito da saúde, o médico ao

²⁰ Para um aprofundamento da questão, vide a *Notice a Presbeutikos ou Discours d'ambassade*, Jouanna 2020, 53-96. É importante o dado histórico porque nos mostra a importância política de Hipócrates e da família dos Asclepiadas, uma importância que se revela nas cartas, onde Hipócrates é um grego que defende a própria pátria e se recusa de ajudar o rei Persa.

²¹ Para a questão do “iatromantis” e dos adivinhos, vide Vegetti 1996; interessantes são as notações de Jouanna 2016, p. 84-85.

adivinho e sobretudo aos que praticavam a medicina religiosa. O conhecimento do tempo em todas as três dimensões é uma *conditio sine qua non* para atuar na prática médica. A medicina, de fato, é a ciência das mudanças, das μεταβολαί, mas para operar essas mudanças é preciso entender o surgimento, o desenvolvimento e o fim de cada doença.²² Com um conhecimento deste tipo, o médico pode calibrar as medidas certas a empregar. No *Prognóstico* há as descrições de inúmeros signos e estados patológicos, e o tempo é um fator decisivo. E é na descrição de uma patologia da úvula que encontramos dois tipos de tempo, o tempo da doença e o tempo da intervenção, ou seja, o tempo do *kairos*, um trecho que mostra como estes dois tempos se encaixam um no outro. No capítulo XXIII do *Prognóstico*, o autor descreve as patologias da garganta e chega aos parágrafos 7 e 8 a tratar da úvula. Quando ela é grossa e avermelhada é perigoso operá-la:

Todavia é preciso tentar reduzir com outros meios tais coisas *neste tempo*. 8 Quando, pelo contrário, já está formado distintamente o que chamam cacho de uva, e a extremidade da úvula se torna maior e esférica, mas a parte superior mais fina, é neste *momento oportuno* que se operará de maneira segura (JOUANNA, 2013, p. 28, tradução livre).²³

Encontramos neste trecho um outro aspecto do tempo, e um dos mais importantes, porque o *καιρός* é um conceito central na medicina hipocrática. Esse termo possui dois sentidos gerais, o de “proporção”, de “medida certa”, e o de “momento oportuno”.²⁴ E é nesse último sentido

²² Sobre o âmbito semântico da “mudança”, vide Demont 1992, que discute de várias famílias lexicais.

²³ *Progn.* XXIII 7-8, ed. Jouanna pp. 28, 7-69, 5: ἀλλὰ χρῆ τὰ τοιαῦτα τοῖσιν ἄλλοισι μηχανήμασι πειρῆσθαι κατισχνάειν ἐν τούτῳ τῷ χρόνῳ. 8. Ὅποταν δὰ ἐποκριθῆ ἦδη πᾶν ὃ δὴ σταφυλὴν καλέουσι, καὶ γένηται τὸ μὲν ἄκρον τοῦ γαργαρεῶνος μεῖζόν τε καὶ περιφερές, τὸ δὲ ἐνωτέρῳ λεπτότερον, ἐν τούτῳ τῷ καιρῷ ὠσφαλές διαχειρίζειν.

²⁴ Para uma discussão sobre o termo *καιρός* na literatura grega, vide Trédé-Boulmer 2020; a discussão sobre o *καιρός* na medicina antiga é às páginas 155-193, e oferece um amplo panorama das ocorrências deste termo.

que o autor do *Prognóstico* o usa. Esse trecho é emblemático da dimensão do *καιρός*, porque o *καιρός* se situa dentro de uma linha temporal – seria dentro do *χρόνος* – constituindo o momento em que o médico há de intervir para produzir uma mudança, uma alteração dentro do tempo do doente.²⁵ Podemos dizer que o *καιρός* é o momento em que o tempo pode pegar um outro rumo; o momento a partir do qual o doente, pela intervenção médica, inverte o seu estado e começa a melhorar. Uma definição de *καιρός*, mesmo se mais tardia em relação ao *Prognóstico*, encontra-se mesmo no começo dos *Praecepta*: “O tempo é aquilo no qual está o *καιρός*, e o *καιρός* é aquilo no qual o tempo não é muito; a cura faz-se com o tempo, mas é possível às vezes também com o *καιρός*”.²⁶

O conceito de *καιρός* é tão central no pensamento médico que consegue juntar a epistemologia, o raciocínio sobre a arte, e a prática viva, e os autores quase nos deixam ver o médico atuando nos momentos decisivos. O tratado *Doenças I* nos dá um retrato do *kairós* nesse sentido:

Os momentos oportunos, para dizê-lo de uma vez por todas, são muitos na arte e variados, assim como as doenças, as afecções e as terapias destas. Passam rapidíssimamente quando se deve ajudar os que perdem consciência, ou os que não conseguem urinar ou evacuar, [...], ou liberar uma mulher que está dando à luz ou que é ferida, ou todos os casos deste tipo. E esses momentos passam rapidamente, e não é de ajuda [*scil.* intervir] um pouco depois; porquanto um pouco depois [*scil.* do momento oportuno] a maioria morre. Contudo há o momento oportuno quando o homem padece de uma dessas afecções; se se ajuda

²⁵Que o conceito de mutação, μεταβολή, seja um dos conceitos mais importantes na medicina hipocrática, a tal ponto que é recebido também em obras não médicas, é testemunhado pelo *Teeteto* de Platão (166e–167a).

²⁶*Praec.*, Littré IX, p. 250, 1–2: “Χρόνος ἐστὶν ἐν ᾧ καιρὸς, καὶ καιρὸς ἐν ᾧ χρόνος οὐ πολὺς ἄκεσις χρόνος, ἔστι δὲ ἡνίκα καὶ καιρῶ”.

antes de [*scil.* o homem] render a alma, tudo isso é de ajuda no momento oportuno.²⁷

O autor, na continuação do mesmo capítulo, mostra como entender os *καιροί*. É preciso tratar os doentes no momento certo do dia: de manhã para as doenças que devem ser tratadas de manhã, à tarde para as doenças que devem ser tratadas à tarde etc. E que o médico deva entender o momento preciso para intervir, nem antes nem depois, é dito com grande clareza em *Afeções*: “se errares o momento oportuno ou em um sentido ou no outro, em ambos os casos haverá dano”.²⁸

A exatidão que o médico tem que atingir para tratar os doentes, para administrar alimentos e fármacos assim como para praticar incisões, não é fácil de achar, e não é fácil porque, mesmo com todas as inúmeras indicações que encontramos nos tratados, um lugar comum desses é que não se pode encontrar uma medida certa, um momento certo para todos os casos, mas os médicos têm que julgar cada caso cuidadosamente. Nesse sentido, não há nenhum manual, nenhum tratado que possa ajudar nos casos específicos, porque a medicina, como se diz em *Lugares no homem*,²⁹ não é uma arte como a da escrita, que repete sempre as mesmas operações. O médico, portanto, se apresenta, mais uma vez, como uma espécie de “senhor do tempo”: é ele que decide o tempo certo em que operar. Disso é indício o sintagma *ἐπίην* (ου ὅταν ου ἦν) σοι δοκῆ καιρὸς εἶναι, como aparece no *De morbis II*: “e quando te parece que é o momento oportuno, dá-lhe os alimentos mais evacuates”

²⁷*De morb. I*, 5, Littré VI, pp. 146-148: “Καιροὶ δὲ, τὸ μὲν καθάπαξ εἶπεῖν, πολλοὶ τέ εἰσιν ἐν τῇ τέχνῃ καὶ παντοίοι, ὥσπερ καὶ τὰ νοσήματα καὶ τὰ παθήματα καὶ τούτων αἱ θεραπείαι. Εἰσὶ δὲ ὀξύτατοι μὲν, ὅσοισιν ἡ ἐκψύχουσι δεῖ τι ὠφελῆσαι, ἢ οὐρῆσαι ἢ ἀποπατῆσαιμὴ δυναμένοισιν. [...], ἡ γυναῖκα τίκτουσαν ἢ τιτρωσκομένην ἀπαλλάξαι, ἢ ὅσα τοιαῦτά ἐστιν. Καὶ οὗτοι μὲν οἱ καιροὶ ὀξεῖς, καὶ οὐκ ἄρκειε ὀλίγῳ ὑστερον-ἀπόλλυνται γὰρ οἱ πολλοὶ ὀλίγῳ ὑστερον. Ὁ μέντοι καιρὸς ἐστίν, ἐπίην πάθη τι τούτων ὄνθρωπος· ὃ τι ἂν τις πρὸ τοῦ τὴν ψυχὴν μεθεῖναι ὠφελήσῃ, τοῦθ' ἅπαν ἐν καιρῷ ὠφελήσεν”.

²⁸*De aff.* 47, Littré VI, p. 258: “ἦν δὲ ἀμαρτάνης τοῦ καιροῦ ἢ ἐπὶ τὰ ἢ ἐπὶ τὰ, βλάβος ἐπ' ἀμφοτέρα”.

²⁹Cfr. *De loc. in hom.* XLI.

(JOUANNA, 1983, p. 153, tradução livre)³⁰ e “quando te parece que é o momento oportuno, tome ele banhos mornos, excepto na cabeça” (JOUANNA, 1983, p.185, tradução livre).³¹

Neste sentido, pode ser mencionado o fim do tratado *Da doença sagrada*, em que o autor explicita o que deve fazer o médico: “Isso, então, deve saber o médico, para, discernindo o momento oportuno de cada tratamento, dar a um um alimento ou aumentá-lo, a um outro tirá-lo ou diminuí-lo.”(JOUANNA, 2003c, p. 32, tradução livre).³²

E o *καιρός* ocorre mesmo no fim do tratado para indicar que ele é o que garante o sucesso da prática médica mesmo para uma doença tão especial como é a assim chamada “sagrada”:

Este [*scil.* o médico que sabe gerar o seco, o úmido, o frio e o quente] curará também esta doença [*scil.* a doença sagrada], se conseguir discernir os momentos oportunos dos tratamentos úteis, sem purificações, sem recursos mágicos e sem nenhuma outra prática deste tipo (JOUANNA, 2003c, p. 33, tradução livre).³³

A medicina, como já destacamos, pode ser definida como ciência do *καιρός*, no duplo sentido de “momento oportuno” e de “medida certa”. Este segundo trecho do *Da doença sagrada* nos mostra e reforça mesmo esse assunto, porque o autor deste tratado divide de maneira inequívoca e forte dois campos: o da ciência e o daquilo que não é ciência. Para fazer isso, ele coloca em oposição polar, de um lado, o conhecimento dos momentos oportunos (*τοὺς καιρούς*) e, do outro, as

³⁰ *De morb. II*, ed. Jouanna, XIX 2, p. 153, 19-20: καὶ ἐπὶν σοι δοκῆ καιρὸς εἶναι, σιτία οἱ πρὸς φέρειν ὡς ὑποχωρητικώτατα.

³¹ *De morb. II*, ed. Jouanna, XIX 2, p. 185, 16-17: ὅταν οἱ δοκῆ καιρὸς εἶναι, [χρήσθω] καὶ λούσθαι χλιερῶ πλὴν τῆς κεφαλῆς.

³² Τοῦτο οὖν δεῖ τὸν ἰητρὸν ἐπίστασθαι, ὅπως τὸν καιρὸν διαγινώσκων ἐκάστου τῶ μὲν ἀποδώσει τὴν τροφήν καὶ αὐξήσει, τῶ δὲ ἐφαρῆσει καὶ μειώσει.

³³ *De morb. sacr.* XVIII, ed. Jouanna, p. 32, 7-10: οὗτος καὶ ταύτην τὴν νοῦσον ἴφτο ἄν, εἰ τοὺς καιροὺς διαγινώσκοι τῶν ξυμφερόντων, ἄνευ καθαρῶν καὶ μαγευμάτων καὶ πάσης ἄλλης βαναυσίης τοιαύτης.

purificações e os recursos mágicos (καθαρμῶν καὶ μαγευμάτων). Em outras palavras, ao separar a ciência da não-ciência, o autor escolhe o καιρός como símbolo da ciência e implicitamente indica que o conhecimento do καιρός deve se substituir às práticas mágicas.

Depois desse breve percurso através dos sentidos que o conceito de tempo carrega nos tratados da *Coleção hipocrática*, podemos tentar dar algumas conclusões, claramente parciais, já que foram analisadas só algumas das ocorrências dos termos implicados na questão. Todavia, mesmo desta forma parcial, podemos concluir que o tempo, nos dois sentidos de χρόνος e de καιρός, constitui a medicina em um sentido extra-técnico e em um sentido intra-técnico. No sentido extra-técnico, o tempo determina o surgimento da medicina, como destacamos em *Antiga medicina*; e o tempo a determina simplesmente porque é com o tempo que a medicina se constitui nas suas práticas e teorias, ambas abertas a novas descobertas, a novos acréscimos de saber teórico e de saber prático. Nesse sentido, o autor de *Antiga medicina* mostra ter um pensamento profundo acerca da τέχνη, assim como também os textos a ele de pouco anteriores e contemporâneos testemunham.

O tempo no sentido de χρόνος, todavia, age também em um outro nível, desta vez dentro da medicina, porque não é somente a medicina que tem um tempo, mas também a doença, e é esse tempo que o médico deve conhecer. No tempo – χρόνος – da doença surge a possibilidade da intervenção e da alteração do estado patológico: essa possibilidade é o καιρός, o “momento oportuno”.

O médico, então, pode achar o momento oportuno em razão do seu conhecimento do tempo, assim como descrito no começo do *Prognóstico*, que analisamos antes. E o καιρός pode ser achado mesmo porque ele se encontra no χρόνος, o tempo que o médico conhece: é na linha do χρόνος que há o καιρός, e o médico tem o conhecimento para individuar o momento oportuno em que tratar o doente. Ademais, e ainda mais significativamente, em *De morbis II*, o único juiz é o próprio

médico, é a opinião dele que determina a intervenção, e é por isso que no tratado *Da doença sagrada* o autor sublinha, já no fim, a importância do *καιρός*: é preciso discernir os momentos oportunos. Todavia, o fim deste tratado, com a crítica à medicina religiosa, destaca ainda mais o peso epistemológico e terapêutico do *καιρός*: se o médico estiver em condições de discernir os momentos oportunos, ele poderá curar os doentes sem qualquer recurso a práticas mágicas ou purificações.

O médico do *Prognóstico*, que conhece o passado, o presente e o futuro, como o adivinho Calcas, e por isso neste sentido “possui” o *χρόνος*, se destaca definitivamente da esfera religiosa evidente no *Da doença sagrada*, e o conhecer o tempo não significa saber o “eterno”; significa, sim, conhecer as leis que determinam o desenvolvimento das doenças, assim como as causas que as geraram.

Para concluir, podemos utilizar as palavras de Xenófanes que parecem perfeitas para a questão do tempo na ciência médica: “não é verdade que desde o princípio os deuses revelaram tudo aos mortais/ mas com o tempo, procurando, encontram o melhor”.³⁴

De certa forma, o tempo da medicina é o tempo em que os médicos se apropriam do conhecimento do tempo.

³⁴DK21B18: “οὔτοι ἀπ’ ἀρχῆς πάντα θεοὶ θνητοῖσ’ ὑπέδειξαν, / ἀλλὰ χρόνῳ ζητοῦντες ἐφευρίσκουσιν ἄμεινον”

Referências Bibliográficas

- Demont, P. “Observations sur le champ sémantique du changement dans la Collection hippocratique.” In: Férez, J.A. *Tratados hipocráticos: estudios acerca de su contenido, forma e influencia : actas del VII^e Colloque international hippocratique*, Madrid, 24-29 de septiembre de 1990. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1992. p. 305-17.
- Dodds, E.R. “The Ancient Concept of Progress.” In: _____. *The ancient concept of progress and other essays on Greek literature and belief*. Oxford: Clarendon Press, 1973.
- _____, “The Ancient Concept of Progress.” In: Edelstein, P. L. *The Idea of Progress in Classical Antiquity*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1967. p. 305-17.
- Fausti, D. “Modelli espositivi relative allá prognosi nel Corpus Hippocraticum (Prorrhético 2, Malattie 1-3, Affezioni, Affezioni Interne, Prognosi di Cos)”. In: Eijk, P.J van der. *Hippocrates in Context*. Leiden-Boston: Brill, 2005. p. 101-117.
- Joana, J. “Il medico tra tempio, città e scuola”. In: Settis, S.I. *Greci. Storia Cultura Arte Società*. Torino: G. Einaudi, 1997. V. 2, p. 795-815.
- _____, *Ippocrate*. Trad. de Jacques Jouanna. Torino: SEI, 1994.
- _____, “La naissance de la science de l’homme chez les médecins et les savants à l’époque d’Hippocrate: problèmes de méthode”. In: Férez, L; Antonio, J. *Tratados Hipocráticos (estudios acerca de su contenido, forma e influencia) : actas Del VII^e Colloque International Hippocratique* (Madrid, 24-29 de septiembre de 1990). Madrid: UNED, 1992. p. 91-111.
- _____, *Pronostic*. Trad. de Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 2013.
- _____, Tome I, 1^e partie. *Introduction générale, Vie selon Soranos, Presbeutikos ou Discours d’ambassade, Épipômbios ou Discours à l’autel, Décret des Athéniens, Lettres I & II*. Trad. de Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 2020.
- _____, Tome II, 1^{re} partie: *L’Ancienne médecine*. Trad. de Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 2003a.
- _____, Tome II, 2^e partie: *Airs, eaux, lieux*. Trad. de J. Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 2003b.

- _____, Tome II, 3e partie : *La Maladie sacrée*. Trad. de Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 2003c.
- _____, Tome IV, 1re partie: *Épidémies I et III*. Trad. de J. Jouanna, Alessia Guardasole e Anargyros Anastassiou. Paris: Les Belles Lettres, 2016.
- _____, Hippocrate [Oeuv. complètes]: *Maladies II*. Tome X, 2e partie / Hippocrate; texte établi et traduit par Jacques Jouanna. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- Marzullo, B. “Hippocr. Progn. 1 Alex. (*Prooemium*)” . In: Andrisano *et al.* Benedetto Marzullo. *Scripta minora*. Hildesheim-Zürich-New York: Olms, 2000. p. 397-452.
- Perilli, L. *Asclepio e Ippocrate: una fruttuosa collaborazione*. In: Marcone, *A. Medici e società nel mondo antico*. Firenze: Le Monnier, 2006. p. 26-54.
- _____, “Il dio ha evidentemente studiato medicina. Libri di medicina nelle biblioteche antiche: il caso dei santuari di Asclepio”. In: NASO, A. *Stranieri e non cittadini nei santuari greci*. Firenze: Le Monnier, 2005. p. 472-510.
- _____, “Scrivere la medicina. La registrazione dei miracoli di Asclepio e le opere di Ippocrate.” In: _____. *Antike Medizinim Schnittpunkt von Geistes- und Naturwissenschaften*, herausgegeben von Ch. Brockmann, W. Brunschön. O. Overwien. Berlin: De Gruyter, 2009. p. 75-120.
- Pigeaud, J. *Il medico e la malattia*. In: *Settis, S.I. Greci. Storia Cultura Arte Società*. Torino: G. Einaudi, 1996. V. 1, p. 771-814.
- _____, “Qu’est-ce qu’être malade ? Quelques réflexions sur le sens de la maladie dans Ancienne médecine”. In: _____. *Poétiques du corps. Aux origines de la médecine*. Paris: Les Belles Lettres, 2008a. p. 105-130.
- _____, “Remarques sur l’inné et l’acquis dans le Corpus hippocratique”. In: _____. *Poétiques du corps. Poétiques du corps. Aux origines de la médecine*. Paris: Les Belles Lettres, 2008b. p. 131-148.
- Schiefky, M. J. *Hippocrates On Ancient Medicine*. Leiden-Boston: Brill, 2005.
- Trédé-Boulmer, M. Kairos, *L’À-propos et l’occasion: Le mot et la notion, d’Homère à la fin du IV^e siècle avant J.-C.* Paris: Les Belles Lettres, 2020.
- Vegetti, M. Iatromantis. “Previsione e memoria nella Grecia antica”. In: Bettini, M. *I signori della memoria e dell’oblio*. Firenze: La nuova Italia, 1996. p. 65-81.
- _____, *Il coltello e lo stilo. Le origini della scienza occidentale*. Milano: Il Saggiatore 1987.